

f a r o l



Verão de 2021-2022 | ano 18 | N. 25
Centro de Artes
Universidade Federal do Espírito Santo

farol

Biblioteca Setorial do Centro de Artes – Universidade Federal do Espírito Santo

FAROL – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes – número 25 – Vitória : Centro de Artes/UFES, verão 2021-2022.

Semestral

ISSN 1517 - 7858

1.Artes – Periódicos . 2. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes.

CDU 7 (05)

farol

Verão 2021/2022- número 25, ano 18
Centro de Artes – Universidade Federal do Espírito Santo

ISSN: 1517 - 7858

FICHA TÉCNICA

A Revista Farol é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

Editores

Aparecido José Cirillo
Ângela Grandó

Editoras de Seção

Sheilla de Souza / UEM
Kennedy Piau / UEL
Kassia Borges / UFU

Capa e Editoração

Rodrigo Hipólito

Imagem da capa

Tadeu dos Santos, detalhe da mostra “Claviculario, uma exposição desconfiada”, 2020.

Editora

PROEX/Centro de Artes
Universidade Federal do Espírito Santo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Centro de Artes
Campus universitário de Goiabeiras
Av. Fernando Ferrari, 514, CEMUNI I – Vitória, ES
CEP 29.075-910
lab.artes.ufes@gmail.com

Reitor

Paulo Sérgio de Paula Vargas

Vice-Reitor

Roney Pignaton da Silva

Diretora do Centro de Artes

Larissa Zanin

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Aparecido José Cirillo

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Emerick Neves (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Almerinda Lopes (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Angela Grandó (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Cecília Almeida Salles (PUC-SP)
Profa. Dra. Diana Ribas (UNDS, Argentina)
Prof. Dr. Dominique Chateau (Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne)
Prof. Dr. Gaspar Leal Paz (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Isabel Sabino (FBA-UL)
Prof. Dr. João Paulo Queiroz (FBA-UL)
Prof. Dr. José Cirillo (PPGA-UFES)
Prof. Dr. Luis Jorge Gonçalves (FBA-UL)
Profa. Dra. Maria Luisa Távora (EBA- UFRJ)
Profa. Dra. Maria de Fátima M. Couto (IAR-Unicamp)
Profa. Dra. Monica Zielinsky (PPGAV-UFRGS)
Profa. Dra. Pilar M. Soto Solier (Univ. de Murcia, ES)
Prof. Dr. Raoul Kirchmayr (Univ. de Trieste, Itália)
Profa. Dra. Teresa Espantoso Rodrigues (FFL-UFBA)
Profa. Dra. Teresa F. Garcia Gil (Univ. de Granada, ES)
Prof. Dr. Waldir Barreto (DTAM-UFES)

SUMÁRIO

- 7 **Apresentação**
Editorial: Outros horizontes na arte brasileira: cantos e estratégias de visibilidade
- 14 **SEÇÃO TEMÁTICA**
Arte indígena cosmopolítica: na antropofagia reversa de Jaider Esbell
Isabela Frade
Alexandre Guimarães
- 33 Apenas um ensaio visual
Coletivo Maku
- 38 Kogrog: o processo coletivo de criação de pintura em um cesto Kaingang
Maria Vitória Neri Pereira
Sanda Kogrog Ninvaia Glicério
Raquel Rodrigues de Jesus
Sheilla P. Dias de Souza
- 46 Criação compartilhada na pintura sobre cestaria Kaingang
Isabella Pires Vertuam Martins
Jussara Padilha
Raquel Rodrigues de Jesus
- 54 A toxicidade da anilina e o tingimento natural na cestaria
Elvira Nivagtanh Crespim
Florêncio ReKayg Fernandes
Júlia Tiemi
Sheilla de Souza
- 59 Imagens Invisíveis
Kennedy Piau
- 66 Objetos mestiços: Fome de Mistura
Coletivo Kókir

ARTIGOS

75 Arte Indígena Contemporânea: Decolonialidade e ReAntropofagia
Gloria Alejandra Guarnizo Luna
Maria Bernardete Ramos Flores
Sabrina Fernandes Melo

90 A invisibilidade da arte indígena contemporânea no Currículo Paulista de Arte
Elisângela de Freitas Mathias

102 Decolonialidade: ruptura com a hegemonia do conhecimento e reverberações na arte
Raquel das Neves Coli

114 Diálogos entre as Artes, a Educação e a História: considerações a partir das produções de Luís Gama e de Rosana Paulino
Thays Alves Costa
Diego Ribeiro

ENSAIO

131 História da origem dos cestos Kaingang: o repertório simbólico no campo da visualidade aplicados na cestaria indígena
João Natalino Pantu
Tadeu dos Santos Kaingang
Sheilla P. Dias de Souza

TRADUÇÃO

147 Kanhgág ag tỹ vǎgfy hynhanh kǎme: Nén tỹ vǎnhven ven ja to jykre kanhgág ag vǎfy ki
João Natalino Pantu
Tadeu dos Santos Kaingang
Sheilla P. Dias de Souza
Tradução de **Florêncio ReKayg Fernandes**

159 **NORMAS DE PUBLICAÇÃO**

Outros horizontes na arte brasileira: cantos e estratégias de visibilidade

I

19 de abril de 1500:

No horizonte, o mar segue calmo.

A lua surge como uma deusa, iluminando a noite e velando sonos, rios e lagos na terra.

Majestosa, criou a estrela d'água, flores brancas se abrem nas noites, agradecendo pela vida que lhe foi devolvida.

A noite segue.

A hegemonia dos povos originais no Brasil dorme.

II

20 de abril de 1500:

O sol, em chamas vermelhas, incendeia os céus.

Chegam as primeiras luzes anunciando o inevitável.

Prenúncio.

As naus surgem no horizonte.

Estranhas montanhas, moventes sobre as águas do mar.

Com a manhã, a mudança nos lugares, nos territórios, na natureza.

III

A paisagem, a fauna e a flora jamais seriam as mesmas.

Todas minadas.

Dominadas

Todas transformadas.

Nações dizimadas. Línguas silenciadas.

Colonizadas.

IV

19 de abril de 2020:

No horizonte, um vírus navega nas ondas pandêmicas

Os povos sofrem com a mesma dor: a perda

Vidas caladas sem corte hegemônico

O vírus não reconhece as castas

V

Dezembro de 2021

O mortal vírus e as incertezas não calaram vozes que ecoam do silêncio de seu apagamento secular.

Revisam nossos valores.

E visibilidades são conquistadas.

Resistiram às invasões colonialistas sucessivas, portuguesas, inglesas, norte-americanas...

Seguem invadidos, por vezes expropriados de sua terra
E da invasão, os desmontes, as imposições cosmopolitas, a escravidão mercantilista e depois apurada pela capitalista.
A dominação não parece resistir

VI

Os povos originais das terras do pau-brasil resistiram
Ao domínio, à exploração, ao quase extermínio...
Suas vozes, abafadas, não se calaram.
Suas culturas seguiram, mesmo que silenciadas.
Como o sol, renascem todo dia

VII

Essa voz chegou à arte contemporânea...
e se faz ouvida.
Ecoa nas instituições contaminadas pelo sistema colonialista.
Como a ferrugem, transforma o mais forte ferro

VIII

A visibilidade desses povos se torna fato.
O pensamento colonizador não mais é capaz de silenciar a força expressiva de artistas dos povos originais.
Eles falam de sua cultura,
de seu povo, de suas mediações nesse processo de conviver com outras culturas.
Diversas etnias, ocultadas e subjugadas, por vezes com obras expostas como exóticos objetos antropológicos em museus etnográficos, expropriadas de seus valores estéticos.

IX

Eles agora gritam!
Porém, exposições exaustivas, jornadas espetaculares
viagens intermináveis que cansam o corpo e a mente também os sufocam
Mas, ainda morrem
Pela imposição de outro tempo
Choque de dois mundos: vence a economia

X

A memória e as práticas coletivas originais enfrentam a imposição do privado, do egocêntrico.
A mente pode não resistir.
O corpo sucumbe.
Um herói antropofágico se faz nascer no horizonte. Jaider é um alerta.
Um mártir que a ilusão judaico-cristã talvez tente alimentar para minimizar seu sentido.
Segue, porém, necessário à resistência coletiva de seus povos.

Apresentação

A *Revista Farol*, neste número, abre seu território para compor um dossiê com artigos que versam sobre arte contemporânea e a diversidade das expressões artístico-culturais que tenham, essencialmente, como enfoque e discussão as relações da produção estética dos povos originais do Brasil. Seguimos a meta estratégica de ampliar o debate em torno das questões étnico-raciais na arte contemporânea brasileira. Esse número é dedicado à memória de Jaider Esbell.

O dossiê temático, que fala do lado de dentro de algumas práticas artísticas dos povos originais do Brasil, foi organizado por Sheilla Souza (UEM), Tadeu Santos Kaingang (UEM), Kennedy Piau (UEL) e Kassia Borges (UFU), em parceria com os Coletivos Kókir e Mahku.

Assim, objetivando ampliar o debate sobre o tema, iniciamos o número com uma referência a Jaider Esbell, num texto escrito a quatro mãos e um espírito, orquestrados por Isabela Frade e Alexandre Guimarães, cuja dor de perder um amigo foi a mesma que iluminou os caminhos para a escritura “ARTE INDÍGENA COSMOPOLÍTICA na antropofagia reversa de Jaider Esbell”, que discute o esgotamento da arte e das questões socioambientais pautadas no horizonte colonialista. Juntos, os autores, a partir da obra de Jaider Esbell, apontam caminhos tomados em nossa ancestralidade.

Segue-se, no Dossiê Temático, dois ensaios visuais de dois coletivos integrados por artistas de etnias originárias do Brasil: o Kókir e o Mahku. Muitos dos trabalhos desses coletivos apontam reflexões sobre a importância dos saberes indígenas em “interações com grupos, comunidades e artistas indígenas e não indígenas”. Nesse feito, o Kókir evidencia a riqueza de suas trocas com pesquisadores e estudantes indígenas e não indígenas da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Esse dossiê segue com artigos escritos de forma híbrida entre nativos e acadêmicos da UEM, evidenciando o trabalho que eles já desenvolvem há anos, tanto na formação acadêmica quanto na ação de compartilhamento extensionista. Essas atividades no geral coordenadas pela professora Sheilla de Souza e Tadeu dos Santos Kaingang, evidenciam um caráter plural das trocas, numa ação que promove a visibilidade da cultura dos povos originais que desenvolvem ações junto à UEM.

No artigo “Kogróg: o processo coletivo de criação de pintura em um cesto Kaingang”, dos autores de Maria Vitória Neri, Sanda Kogróg Glicério e Raquel Rodrigues, apresenta-se as experiências de uma professora Kaingang e seu trabalho em busca de uma cosmovisão de aspectos da cultura de seu povo. O segundo texto do dossiê, “Criação compartilhada na pintura sobre cestaria Kaingang”, de Isabela Vertuam Martins, Jussara Padilha e Raquel Rodrigues de Jesus, segue no estudo da cultura do grupo, com foco na cestaria kaingang da Terra Indígena Ivaí (PR), observando aspectos colaborativos de um trabalho de pintura sobre os cestos. No terceiro texto, “A toxicidade da anilina e o tingimento natural na cestaria Kaingang”, Elvira Nivagtanh, Florêncio ReKayk e Julia Tiemi, apresentam resultados de pesquisa junto à UEM que resultou em produções artísticas colaborativas, refletindo sobre o uso de pigmentos tóxicos na cestaria Kaingang e a necessidade de sua substituição por processos de tingimento naturais, revelando não apenas um cuidado com a saúde da comunidade, mas também para uma perspectiva sustentável com o meio ambiente. No último texto do dossiê temático, Kennedy Piau (professor da Universidade Estadual de Londrina) nos apresenta “Imagens Invisíveis”, uma reflexão sobre a politização do

que é entendido como objeto de arte; foca-se nas relações inclusivas e de visibilidade daqueles colocados à margem do sistema das artes; e a partir do questionamento “a saia de batik pode ser uma obra de arte?”, o autor busca diálogo com proposições de Giulio Carlo Argan e Pierre Bourdieu para colocar em foco alguns aspectos do campo da arte e paralelamente dos povos indígenas e sua “apropriação pela arte contemporânea”. Desse modo, discute um pouco dessa visão estereotipada do indígena que atravessa séculos de apagamento, de abafamento, e questiona o motivo de apenas na edição de 2021, a Fundação Bienal de São Paulo colocar luz sobre o que acontece na arte indígena contemporânea no Brasil. Dizendo-o brevemente, evidencia como um pé na ancestralidade pode revigorar o sistema das artes.

A Seção de Artigos está separada por um ensaio visual com obras do coletivo Kókir, o qual evidencia não apenas o caráter ativista dessas obras, mas, sobretudo, a contemporaneidade das linguagens visuais silenciadas por décadas de práticas hegemônicas internacionalizadas na arte brasileira. Esse ensaio revela a necessidade de olharmos para dentro; vemos o que de fato pode fortalecer nossas relações decoloniais em busca de uma identidade nacional ampla, híbrida e incluyente.

Com isto, nossa Seção de artigos, normalmente independente do tema do Dossiê Temático, segue revendo as práticas coloniais e excludentes que invisibilizam a arte nacional produzida com, para e por artistas integrantes dos povos originais deste país. Em “Arte Indígena Contemporânea; decolonialidade e ReAntropofagia”, Sabrina Fernande Melo, Gloria Alejandra Guarnizo Luna e Maria Bernardete Ramos Flores seguem na reflexão sobre a dimensão decolonial da arte indígena contemporânea a partir do conceito de (re)Antropofagia, mesclando referências cosmológicas e apropriações de cânones do ocidente.

O segundo artigo, “A Invisibilidade da arte indígena contemporânea no Currículo Paulista de Arte” nos leva a perceber a fragilidade do discurso étnico-racial no Brasil, a partir de um estudo de caso: o material didático de escolas paulistas, evidenciando que se segue invisibilizando as culturas originais; as autoras desenvolvem a hipótese de que esse modo como se apresentam as ações institucionais objetivam apenas cumprir exigências legais que inserem esse conteúdo na formação do Ensino fundamental e não efetivamente uma mudança social e cultural.

O terceiro artigo aprofunda essa questão do olhar para o particular étnico-racial e de gênero e suas reverberações na arte. A pesquisa de conclusão de curso de Raquel Coli, em parceria com a Dra Julia Rocha, nos apresenta uma reflexão sobre a perspectiva decolonial em alguns trabalhos artísticos, tomando como referente obras de Rosana Paulino e textos de Anibal Quijano, Luciana Ballestrin, Ramóm Grosfoguel e Walter Mignolo, que tratam em seus estudos a questão da decolonialidade.

A artista Rosana Paulino e sua obra permeiam o ponto de confluência que encerra a Seção de Artigos desta edição. Em “Diálogos entre as Artes, a Educação e a História: considerações a partir das produções de Luís Gama e Rosana Paulino”, Thays Alves da Costa retoma a invisibilidade étnico-racial que dominou o circuito cultural e educacional brasileiro. A partir de uma análise de aspectos da obra de Rosana Paulino e do poeta Luís Gama, a autora pontua sobre a importância de que o processo de revisão histórica do papel dos povos que sustentaram a formação do Brasil deva ser trabalhado não apenas nos espaços culturais, mas sobretudo no processo de formação que envolve a educação básica nacional, pensada de forma interdisciplinar e visando novas perspectivas sociais e educacionais, em especial por meio da arte.

A última seção desta edição, a Seção de Tradução, talvez seja a expressão do que apontamos ao longo de todo o corpo deste número: a necessidade de olhar o sistema por outros pontos de vista. Optamos não por uma tradução de um texto em língua dominante para uma língua originária. Optamos pelo grito ético; optamos pela possibilidade de inserção do conteúdo desse número junto àqueles que o inspiraram e que o construíram: os povos originais. Eram muitas as possibilidades linguísticas, entre as línguas ainda vivas no Brasil. Optamos pelo kaingang pela parceria com a Universidade Estadual de Maringá, e pela parceria com a comunidade do nosso parceiro Tadeu dos Santos Kaingang.

Assim, com escritura em kaingang de Florêncio ReKayg Fernandes (Terra Indígena Rio das Cobras, PR) e em português de João Natalino Pantu (Colégio Estadual Indígena Cacique Gregório Kaekchot, Terra Indígena de Ivaí, PR), Tadeu dos Santos Kaingang (Coletivo Kókir, ASSINDI e doutorando na UEM) e Sheilla Souza (Coletivo Kókir, ASSINDI, professora na UEM), o texto “História da Origem dos Cestos Kaingang: o repertório simbólico no campo da visualidade aplicados na cestaria indígena” é apresentado em sua versão kaingang “Kanhgág ag tỹ vǎgfy hynhanh kãme: Nén tỹ vǎnhven ven ja to jykre kanhgág ag vǎfy ki”.

É a primeira vez que a Farol, revista acadêmica de estudos pós-graduados em arte, publica um artigo inteiramente em uma língua dos povos originais do Brasil, em detrimento de línguas dominantes no meio acadêmico. Um gesto decolonial. Isto não poderia ser diferente em uma edição que visa dar fala a artistas, pesquisadores e ativistas que vem apresentando novos modos de olhar a arte, a cultura e a sociedade brasileiras. Outros modos de olhar e outros modos de viver juntos. Outras estratégias de pertencimento.

Apreciem a leitura.

Editores
Verão de 2021/2022